

Nem parlamentares entendem o 'economês'

O deputado Eurico Ribeiro (PRN-MA) tomava um cafezinho no plenário da Câmara, quando foi interrompido: "Deputado, o que é M4?". Solícito, foi logo dando a explicação: "É um desses movimentos subversivos, como aquele MR qualquer coisa". O vice-líder do governo, Gidel Dantas (PDC-CE), assusta-se: "Que código é esse, é novo?". Sotero Cunha (PDC-RJ), um pouco mais próximo da verdade, arrisca sobre o M3: "Tem alguma coisa a ver com moeda". Já o outro vice-líder governista, Humberto Souto (PFL-MG), garante: "Esse negócio de M4 não tem no plano, com certeza".

Desde que a ministra Zélia Cardoso de Mello

foi à televisão dizer como se comportariam o M1, M2, M3 e M4 no plano econômico — sem explicar que são conceitos sobre as várias formas da moeda (corrente, títulos, etc.) — a população passou a conviver diariamente com novas palavras do idioma *economês*, que a maioria não consegue traduzir para o português. "Isso é *economês* moderno. Eles inventam isso para não perderem os empregos", resume o deputado Nelson Sabrá (PRN-RJ). Sem ter idéia de que o M1 refere-se à moeda em circulação, o senador Saldanha Derzi (sem partido-MS) desdenha: "Esse negócio é acessório, o importante é a medida 168". Justamente a que guardou muito M1 no Banco Central.

O deputado Luiz Alfredo Salomão (PDT-RJ) critica os colegas economistas por "inventarem uma linguagem fechada e atolarem a população de siglas", mas diverte-se ao revelar alguns truques típicos da profissão. Quando um economista quer impressionar uma plateia de leigos, ou ganhar uma discussão, lança mão do *vetor-terror* e saca de um termo bem complicado para desarmar o interlocutor. Salomão conta que dois *vetores* infalíveis são o *índice Gini* (mede a distribuição de renda) e o *efeito Tanzi* (o efeito da inflação sobre impostos). "Não tem erro: o público fica embasbacado e acha o economista genial", ensina Salomão. (D.T.L. e A.F.)